

A Imagem da Morte de Crianças no Jornalismo: Um Estudo de Caso do Portal G1¹

Rodrigo Daniel Levoti PORTARI²
Universidade do Estado de Minas Gerais, Frutal, MG

RESUMO

O presente texto debate a exploração da imagem da morte de crianças a partir do estudo de caso de duas notícias do Portal G1. A primeira, de setembro de 2015, traz a morte do menino Aylan, que chocou o mundo e ganhou destaque na mídia ao expor os riscos dos refugiados na crise na Síria e a imagem se apresenta com alertas para não chocar o leitor. O segundo caso trata-se da imagem do bebê morto em Mianmar em 2017. Com apenas 16 meses, também encontrado em uma praia, a foto já não merece tanta precaução ao ser exposta para os internautas. Debateremos, aqui, como a morte, assunto que desde a Idade Média é motivo de pavor para a sociedade, em especial a morte de crianças, se naturaliza no ambiente midiático a partir de acontecimentos e as imagens que os acompanham.

PALAVRAS-CHAVE: Morte de criança; Imagens da morte; Portal G1.

1. Introdução: O homem e o inominável

Se há uma relação antiga no seio da cultura humana é a do homem com a morte. Desde que tomou consciência de que a morte significaria o fim, que deixaria de estar “presente” para passar a ser uma “ausência”, a raça humana procura formas de encarar de frente a certeza de que um dia o corpo sucumbirá – seja a uma doença, a uma tragédia ou a outras tantas centenas de formas de morrer.

Essa relação tão íntima e, ao mesmo tempo, assustadora, durante milênios resultou em esforços na tentativa de explicar o que ocorre depois do fim da vida. E, nesse sentido, inventamos as religiões, a escrita, a pintura, a ficção, e uma dezena de outras formas de textos culturais que, acima de tudo, têm a missão de perpetuar a passagem do homem pela Terra.

É óbvio que nem sempre essa relação do homem com a morte foi encarada de forma amistosa e, autores como Michel Maffesoli, Michel de Certeau, Johan Huizinga, Phillipe Ariès, entre tantos outros, mostram em suas obras como cada tempo lida com a questão da morte. E a cada mudança de filosofia, a cada alteração na maneira como se

¹ Exemplo: Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo do XXII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 22 a 24 de junho de 2017.

² Coordenador do curso de Jornalismo e de Publicidade e Propaganda da UEMG; doutor em Jornalismo pela UFMG. email: rodrigo.portari@uemg.br

encara o fim da vida, algo muda também nos registros e rastros deixados pelo homem quando se dá o trabalho de relatar a morte.

Vale lembrar a morte e o destino trágico fazem parte da história humana desde os primórdios da civilização. “Psicanalistas e poetas nos falam e respondem sobre a dor de existir. Uma perda eterna, atemporal em seu acontecer, em que o limite entre passado e futuro torna-se indistinto pela presença constante de uma falta, sinalizando a particular relação da melancolia com o tempo, tempo que faz pacto com a morte” (TOURINHO PERES, 2012, p.101). A simbolização da morte enquanto afastamento está enraizada no imaginário coletivo como nos demonstram relatos presentes em vasta literatura, destacando especialmente a Idade Média, período profundamente marcado pelo sentimento de melancolia.

Destacam-se, especialmente, as abundantes – e chocantes – representações da morte do Painel da Dança Macabra, mencionadas por Johan Huizinga na Paris no final da Idade Média. Situado no Cemitério dos Inocentes, coração vital da cidade, local de grande fluxo onde as pessoas transitavam e passeavam o Painel tanto representava visualmente cenas terrificantes, quanto permitia a leitura de textos, local também utilizado por pregadores onde se podiam ouvir sermões admoestadores (HUIZINGA, 2010, p.234).



Figura 1. “A Morte não perdoa nem bispo nem nobre”.

Detalhe da dança macabra de Guyot Merchant, La Danse Macabre, 1485.

Reprodução: Huizinga, 2010, p.234

A obra de Merchant, tanto “*Dança Macabra*” como “*Dança Macabra das Mulheres*” nos trazem um rico conteúdo a ser analisado e pensado na sociedade contemporânea: a presença natural da morte no cotidiano da Idade Média. Poderíamos, pretensiosamente, aproximar essa grande exposição dos painéis da morte macabra às fotos de imagens da morte presentes de forma tão constante no jornalismo, mesmo sob duras críticas tecidas quanto ao sensacionalismo presente nesse tipo de conteúdo. Na

“*Danse Macabre des femmes*”, outra obra do autor, é feita uma advertência: “a morte é rápida e viaja até ao Sol”, ou seja, não há escapatória para sua chegada.

Ao longo de todo o texto ilustrações da Dança Macabra permite-nos imaginar a forma como esses painéis eram recebidos pelos parisienses do século XV: a lembrança constante do tempo que não para, da morte que chega a todos indistintamente como nos traz a “legenda” da segunda imagem da Dança no livro:



Figura 2 - Detalhe da dança macabra de Guyot Merchant, La Danse Macabre, 1485

Ludite formose teneres cantate puelle.	Brincar, cantar e mantenha menina adorável.
Nam defluunt anni more fluentis aque	Durante anos, como o fluxo de água que flui
Nec que preteriit iterum reuocabitur vnda.	Nem o passado, lembrou novamente ondas.
Nec que preteriit hora redire potest	Nem horas do passado, pode retornar

Em seguida, trava-se um diálogo entre os quatro “menestréis” da imagem: o primeiro convida as donzelas, noivas e damas e todos, de qualquer situação, para que entrem na “dança” tocada pela morte; o segundo menestrel já alerta para as mulheres que não importa o quão macia sejam suas carnes, o quão fresca seja sua pele, todas serão devoradas e se transformarão em cinzas; o terceiro menestrel canta que ouro, prata, nada disso adianta, o fim será o mesmo; por último, o quarto menestrel encerra dizendo que o tempo passa para todo mundo e, no final, todos se transformarão em carne podre e ossos nus, numa clara referência à própria aparência da morte personificada nos painéis.

Os alertas seguem constantes no decorrer do texto e, devemos lembrar, os painéis estavam expostos diante da área central de Paris. A morte era “nomeável”, tinha aparência e era parte integrante das conversas dos cidadãos daquela época.

Dessa forma tanto a Dança Macabra e o próprio Cemitério dos Inocentes tornavam-se elos entre a vida e a morte. O local é descrito por Huizinga (2011) como ponto de encontro da sociedade parisiense do século XV, além de ser palco de festas e até mesmo cortejos promovidos por crianças, que iam do Cemitério até Notre-Dame e

voltavam segurando velas. Ariès (2012) relata que neste local os cadáveres enterrados permaneciam nove dias por baixo da terra e após esse período eram desenterrados. Os ossos empilhados na coluna central à vista de todos para lembrar-lhes do quão o corpo é perecível e da indistinção de classe social, cor ou credo. Foucault (1988) o descreve como uma “dessas veneráveis necrópoles incrustadas no coração da cidade”, que assinala a rapidez com que os corpos ali eram consumidos pelo solo.

Porém, o empilhamento de cadáveres naturais do local fez com que no século XVIII, no rastro do iluminismo e da “secularização da vida cotidiana” (PETRUSKI, 2006, p.99), a proximidade com cadáveres e defuntos passou a ser vista como hostil, evocando preocupações sentimentais e sanitárias. O medo de doenças e infecções em função da proximidade dos mortos, fez com que o necrotério fosse removido de local, como explica Foucault (1988) e Ariès (2012).

Ao transportar os necrotérios e cemitérios para longe dos centros das cidades, dá-se início a uma tentativa de afastar a presença da morte da sociedade. Michel de Certeau aponta que esses esforços de tentar afastar a morte do convívio diário das pessoas fez com que ela passasse a ser inominável. Evita-se dizer que uma pessoa está morrendo ou que morreu. O próprio autor aponta um exemplo interessante: nos hospitais, quando um paciente está à beira da morte, é comum ouvir médicos ou enfermeiras dizerem que a pessoa “descansou” ou “precisa descansar”, numa tentativa clara de não nomear a morte.

Para Scarllet Marton, há uma mudança de paradigma na forma do homem em encarar a morte: na Idade Média e nos tempos antigos morte e vida coabitavam o cotidiano, tal como já ilustramos anteriormente por meio da Dança Macabra. Com o passar dos anos morte e vida passam a se tornar opostos, possivelmente devido à influência do cristianismo e à “sacralidade” da vida, que deve ser preservada a todo e qualquer custo.

Concebendo-se a vida como o bem jurídico mais valioso, o bem inalienável e intransferível por excelência, entendeu-se que ela era o direito primeiro da pessoa humana, direito esse que se devia proteger acima de todos os demais. Tutelado pelo Estado até contra a vontade do indivíduo, julgou-se tratar-se de um direito absolutamente indisponível. Excluindo-se o seu contrário, converteu-se, então, o direito de viver em dever. (MARTON, 2009, p.2)

A superexposição da morte e da tragédia, em todos os âmbitos, das obras de arte ao jornalismo, da religião à literatura, nos coloca diante de uma banalização da morte no momento em que vivemos. Diante desse quadro tendemos a concordar com Maffesoli,

para quem todas estas manifestações nos trazem a consciência da morte sob qualquer circunstância. (MAFFESOLI, 2003, p.56)

ARIÈS (2012) nos relata que o medo da morte começou a se enraizar na sociedade ocidental a partir do século XIX, ou seja, cerca de 400 anos desde o início do afastamento do assunto “morte” do cotidiano até que ele fosse visto como um “tabu” nas conversas sociais. O autor resume em três etapas esse processo: o primeiro ao fim da Idade Média, onde a Dança Macabra significavam um “amor apaixonado pela vida e ao mesmo tempo, creio eu, o fim de uma tomada de consciência, iniciada no século XII, da individualidade própria à vida de cada homem”; a Segunda Etapa compreende entre os séculos XVI e XVIII, onde “imagens eróticas da morte atestam a ruptura da familiaridade milenar do homem com a morte”; e, então, chegamos ao século XIX, onde “as imagens da morte são cada vez mais raras, desaparecendo completamente no decorrer do século XX; o silêncio que, a partir de então, se entende sobre a morte significa que esta rompeu seus grilhões e se tornou uma força selvagem e incompreensível”. (ARIÈS, 2012, p.152)

Esse movimento de afastar a morte atravessou séculos e parece estar presente no cotidiano da cultura ocidental nesse século XXI. No entanto, numa outra ponta, a morte continua exposta, diariamente, nas páginas de jornais populares, sensacionalistas, redes sociais e grandes portais de notícia, por exemplo. E se há uma morte que “incomoda” o que provoca as mais variadas reações é a morte de crianças, que abordaremos no tópico a seguir.

2. A morte e as crianças

Ao estudarmos os painéis da Dança Macabra e os poemas que os acompanhavam, na Idade Média, nota-se que não havia a preocupação – ou pelo menos a ocupação – dos homens com a morte de crianças. Huizinga (2010) nos relata que o tema da morte era uma preocupação focada em adultos e para eles se destinavam as produções acerca do tema, apesar dos painéis da Dança Macabra também alertar que a morte poderia chegar aos pequenos:



Figura 4. Detalhe da dança macabra de Guyot Merchant, *La Danse Macabre*, 1485

As estrofes que acompanham a imagem acima – inspirada nos painéis do Cemitério dos Inocentes – mostra um diálogo entre a morte e “Le Cordelier” e “Le Enfant” onde, em linhas gerais, a morte diz à criança que ela tem o poder desde o dia do nascimento e que, por viver menos, as crianças sofrem menos, já que, quem mais conhecimento tem, mais mereceria sofrer³.

O painel e a poesia de Merchant são uma das poucas referências diretas da morte de crianças encontradas nos acervos disponíveis acerca da Idade Média. No entanto, a morte de crianças – seja por assassinatos, tragédias ou catástrofes – é tema recorrente em uma dezena de outros textos, como na Bíblia. Relata-se, no Novo Testamento, que no dia do nascimento de Jesus Cristo foi ordenado que todas as crianças fossem mortas a fim de se evitar que o Salvador pudesse sobreviver e libertar os judeus. No Antigo Testamento, em Samuel 15:3, Deus ordena: “Vai, pois, agora e fere a Amaleque; e destrói totalmente a tudo o que tiver, e não lhe perdoes; porém matarás desde o homem até à mulher, **desde os meninos até aos de peito**, desde os bois até às ovelhas, e desde os camelos até aos jumentos.” (BÍBLIA SAGRADA, grifos do autor). Estes são apenas dois de vários outros exemplos que poderíamos citar a título de ilustração.

Ariès (2006) relata que foi a partir do século XVI que o retrato de crianças mortas começou a ganhar destaque e importância na sociedade ocidental. Em uma época em que era comum a morte de crianças – vítimas de epidemias, tragédia ou doenças desconhecidas – a morte de um bebê ou de uma pessoa ainda na fase infante

³ Adaptação de tradução feita de forma livre pelo autor do presente artigo. As estrofes originais são: **Le mort:** Petit enfant naguere ne / Au monde auras peu de plaisance / A la danse seras mene/ Comme autre: car mort a puissance / Sur tous: du iour de sa naissance / Conuient chascun a mort offrir: / Fol est qui nen a congnoissance Qui plus vit plus a a souffrir / **Lenfant:** A: a: a: ie ne scay parler / Enfant suis: iay la langue meu / Hyer nasquis huy men fault aler / Je ne fais quentree & yssue / Rien nay meffait mes de paour sue/ Prendre en gre me fault cest le mieulx/ Lordonnance dieu ne se meu/ Aussi tost meurt ieune que vieux

não era vista com tanto temor ou compadecimento por parte dos pais, familiares ou amigos. Contudo, o autor observa que o fato de se produzir um retrato do morto para que fosse colocada em seu túmulo demonstra uma outra faceta dessa época: a de que a morte da criança estaria sim provocando afetação na família e que a imagem serviria como uma forma de manter “viva” a imagem daquele que partiu. Nas imagens desta época as crianças nunca estavam sozinhas, mas sim acompanhadas de suas famílias.

No século XVII, prossegue o autor, os retratos de crianças mortas tornaram-se mais numerosos, sendo que nessas representações elas estariam sozinhas, seguidas com as inscrições de nome, data de nascimento e falecimento. No século XIX, com a invenção da fotografia, a pintura perde seu espaço como instrumento de registro e passa-se a se importar com a imortalidade da criança:

[...] embora a mortalidade infantil se tenha mantido num nível muito elevado, uma nova sensibilidade atribuiu a esses seres frágeis e ameaçados uma particularidade que antes ninguém se importava em reconhecer: foi como se a consciência comum só então descobrisse que a alma da criança também era imortal. É certo que essa importância dada à personalidade da criança se ligava a uma cristianização mais profunda dos costumes. (ARIES, 2006, p.25)

Se a morte se tornou algo a ser abominado ou temido e um tabu entre as conversas do cotidiano, a morte de crianças parece carregar um fator emocional a mais nesse contexto. Seja pela tenra idade, pelo fato de terem vivido poucos anos antes de encararem o “desconhecido”, basta alguém saber que uma criança morreu – seja de causas naturais ou não – a comoção é quase que imediata.

3. Aspectos metodológicos

A partir destas considerações apontadas nas páginas anteriores, nos surgiu a questão: como o jornalismo representa a morte de crianças? A resposta para essa questão tem sido muito debatida ao longo dos últimos anos, em especial desde a morte da menina Isabella Nardoni, aos 5 anos de idade, em março de 2008, fruto da violência doméstica em que figurou como culpados pelo crime o pai e a madrasta da criança, como bem aponta Eliziane Lara em sua pesquisa “Entre casos comoventes e noticiário cotidiano: (in)visibilidade engendradas na cobertura da violência contra as crianças e adolescentes em três jornais mineiros”, defendida junto ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFMG em 2013.

No entanto, passados quatro anos desde a defesa da dissertação, dois casos despertaram a atenção e resultaram na presente pesquisa: o primeiro a morte do menino

Aylan, um refugiado de 6 anos encontrado morto numa praia da Turquia em setembro de 2015; o segundo, o garoto de Mianmar, de 16 meses, morto também às margens de uma praia ao tentar escapar das guerras. Ambos os casos trouxeram ao público a imagem da morte de crianças – um expediente não tão comum no jornalismo por questões éticas e morais – e, imediatamente, afetaram aqueles que as viram.

É a partir da representação destes dois casos na mídia jornalística que pretendemos discutir como a imagem da morte de crianças refugiadas é retratada pelo portal G1. Para isso, recorreremos à análises das imagens e ao expediente jornalístico de retratar “acontecimentos” que provocam rupturas no cotidiano e provocam alguma mudança ou transformação em quem os vê.

4. Breve apontamento sobre a morte como acontecimento jornalístico

Louis Quéré, no texto “Entre o facto e o sentido: a dualidade do acontecimento”, considera que acontecimentos são aquelas ocorrências que provocam uma ruptura com o cotidiano, que irrompe o sentido e descortina uma série de novas possibilidades para quem os vivencia ou dele toma conhecimento. Seguindo a mesma linha, Patrick Charaudeau (2006) indica que o acontecimento em seu estado bruto, no momento em que ocorre, carece de significações e nele vivenciamos apenas uma explosão de sentidos. A significação da ocorrência será dada a posteriori num processo que, inspirado em Paul Ricoeur, é chamado de tripla mimese que se encerra na compreensão e relato narrativo do acontecimento.

O conceito de acontecimento há muito tem sido debatido e discutido por pesquisadores do país, como Vera França, Bruno Souza Leal, Paulo Bernardo Vaz, Frederico Tavares, Márcia Benetti, entre tantos outros autores que aprofundaram o conceito em todas as suas dimensões, em especial, quando se trata do jornalismo. Assim, adotamos no presente artigo a perspectiva adotada por Louis Quéré e Vera França, que consideram pelo menos três pontos fundamentais para fundamentar suas concepções de acontecimento midiático: a) em primeiro lugar, o acontecimento é algo que ocorre a alguém e, portanto, tem seu poder de afetação, não sendo independente ou autoexplicativo: “O acontecimento o é porque interrompe uma rotina, atravessa o já esperado e conhecido, se faz notar por aqueles a quem ele acontece” (FRANÇA, 2012, p.13); b) o acontecimento desorganiza o presente ao provocar a ruptura da normalidade e portanto, “gera uma interrogação” (Idem, Ibid.); c) o acontecimento força as pessoas a buscarem uma resposta ou compreensão do que ocorreu, atribuindo significações e

tentando explicar suas causas e consequências: “Ele alarga o leque do possível – e descortina (ainda que por pequenas brechas) o horizonte do que não havia sido pensado”. (Idem, Ibid). A autora pondera, ainda, nessa perspectiva, que o “acontecimento é dotado de um poder hermenêutico; é suscitador de conhecimento. É capaz, inclusive, de modificar o passado; desvelar o não-visto, iluminar o opaco, estabelecer distinções que não haviam sido percebidas”. (Idem, Ibid.)

Ao dar vida aos acontecimentos, narrando e comentando seus fatos, a mídia assume seu papel de agente interpretadora do mundo e, mais que isso, o papel de estruturadora de sentidos. Ao dar luz a alguns acontecimentos em detrimento de outros, ao permitir que alguns fatos atravessem sua membrana invisível (MOUILLAUD, 2012) e ganhem espaço como notícia, a mídia noticiosa auxiliar na compreensão do cotidiano e, mais que isso, afeta a percepção de mundo que seus receptores terão a partir do momento em que se dispõem a se informar por meio desses relatos.

Outra característica importante a se considerar dos acontecimentos midiáticos é a sua capacidade de resgatar, em poucos instantes, assuntos que estavam esquecidos automaticamente pela mídia por questões de distância temporal ou por terem sido superadas por outros assuntos considerados mais importantes na agenda midiática. Porém, basta que algo semelhante ocorra para que tais notícias ressurgam e possam ganhar uma segunda vida ou, em outras palavras, voltem a reverberar mesmo após terem adentrado à Espiral de Silêncio noticiosa.

É o caso que observamos no último dia 5 de janeiro de 2017, quando veio à tona a foto do chamado “menino de Mianmar”. A imagem de um bebê de 16 meses morto por afogamento nas margens do rio Naf, na fronteira entre Mianmar e Bangladesh, foi suficiente resgatar outro caso semelhante ocorrido meses antes, quando a foto do garoto Aylan, morto em uma praia de Bodrum, na Turquia, chamou a atenção para a crise migratória que mato milhares de pessoas no Oriente Médio e África em razão de guerras, perseguições e pobreza.

A partir dessas duas fotos semelhantes, porém separadas por 15 meses entre uma publicação e outra, é que se constroem as discussões do presente artigo. Para isso, selecionamos as reportagens sobre os fatos publicados no Portal de notícias G1, das Organizações Globo e, a partir das imagens divulgadas em conjunto com seus textos, possamos aprofundar sobre como a imagem de 2015 “abre as portas” para a imagem de 2017 sem que haja tantos cuidados assim em sua exibição midiática.

5. A morte das crianças refugiadas no Portal G1

A exposição de fotografias de pessoas mortas é, normalmente, atribuída ao sensacionalismo. “Imprensa Marrom”, “Imprensa Amarela”, entre tantas outros adjetivos normalmente são atribuídos a jornais, programas de TV ou portais de notícia que se valem da degradação do Outro para promover notícias. Isso torna tênue a linha entre o sensacionalismo “barato”, como já foram atribuídos a publicações como o extinto “Notícias Populares”, e o sensacionalismo praticado no dia a dia por órgãos de comunicação considerados como “de referência”, como é o caso do Portal G1. Desta forma, podemos ao observarmos as fotos dos garotos refugiados encontrados mortos, podemos tecer alguns comentários sobre esse sensacionalismo praticado também por portais ditos “sérios” e a relação que se estabelece entre eles e seus leitores:



Figura 5 – Menino Aylan, encontrado morto em setembro de 2015 e – Bebê morto em Mianmar em janeiro de 2017 Fonte: Portal G1

Interessante notar como a apresentação das imagens retratadas nas Figuras 5 e 6 diferem. Ao expor a foto de menino Aylan, em setembro de 2015, o Portal G1 publicou uma advertência em letras garrafais também em forma de imagem, que dizia: “AVISO: A IMAGEM É FORTE”, sendo que essa segunda expressão estava grafada em vermelho, tendo como fundo a cor cinza claro. O contraste das cores é um alerta para as pessoas mais sensíveis que estariam diante de uma cena de morte e, mais que isso, da morte de uma criança de poucos anos de vida e que, naquele momento, poderia representar o filho, neto, sobrinho ou parente de qualquer internauta. Esse mesmo cuidado não foi adotado pelo portal na publicação da Figura 6 em janeiro de 2017: não há qualquer tipo de alerta para o internauta e, ao se acessar o link da notícia, de imediato se tem a imagem carregada em conjunto com o texto.

Essa mudança de postura por parte do portal já nos pode sugerir alguns indícios de como a questão a morte de crianças refugiadas passa a fazer parte do fazer jornalístico e, mais que isso, como a imagem de Aylan ajudou, de certa forma, a inserir o assunto no imaginário dos leitores do portal. Até mesmo o título das reportagens destacam a diferença de como o portal trata as duas situações. No caso do menino Aylan, por se tratar de uma morte que não é comumente retratada – a de uma criança – a manchete apela para as sensações de quem a lê: “Foto chocante de menino morto revela crueldade de crise migratória”, seguida pela seguinte submanchete: “Corpo de garoto foi encontrado em praia turca após naufrágio. Jornal inglês questiona se poder da imagem fará Europa mudar política.”.

Todo o cenário para que a imagem e a notícia fossem finalmente revelados é montado pelo jornal de forma a tentar impactar diretamente o leitor. Como apontado anteriormente no texto, a morte de crianças não é algo comum mesmo nos assuntos do cotidiano dos leitores e, no noticiário, quando aparecem, raramente carregam a imagem do corpo morto. Exemplos como o da menina Isabela Nardoni (jogada do sexto andar de um prédio pelo pai e madrasta), em 2008, do menino João Hélio (morto ao ser arrastado por um carro durante um assalto por ter ficado com seu pé preso ao cinto de segurança), em 2007, ou mesmo mais recentemente da garotinha Sofia Braga, de 2 anos, morta com um tiro na cabeça em janeiro de 2017 enquanto brincava em um playground de uma lanchonete, não trazem a foto do corpo morto, mas sim, de álbuns de família, como uma tentativa de amenizar a dor e o choque da morte de uma criança.

No entanto, o cenário estabelecido para retratar o menino Aylan apela para as sensações do leitor. Ele é preparado para lidar, diretamente, com uma foto chocante. O internauta pode e deve se decidir se prossegue na leitura da reportagem sabendo que estará diante de uma imagem “chocante”. O que não ocorre no caso do bebê morto de Mianmar.

Uma vez que o expediente de revelar fotos de bebês mortos deixa de ser algo inédito em tão pouco tempo no portal, o internauta é assaltado diretamente pela imagem ao clicar no link. Com a manchete “Foto de bebê morto em Mianmar provoca comoção internacional”, e submanchete “Menino da etnia Rohingya morreu em naufrágio enquanto família tentava fugir para Bangladesh por conta perseguição étnica em Mianmar”. Enquanto a morte do menino Aylan serviria para despertar o mundo e a Europa para os problemas dos refugiados, o bebê de 16 meses apenas “comove” o

mundo, sem que o texto conclame a população ou os governos para uma busca na solução do conflito.

Seguindo pela reportagem de 2017, logo após oito breves parágrafos, todos entre duas e três linha de texto, a reportagem abre um intertítulo dizendo: “**Aylan**”. Reforçando o fato de que morte de crianças não é novidade, o portal retoma o caso do garoto da Figura 5 e faz um paralelo à diferença como as duas imagens foram tratadas pela mídia e também pelo mundo. Diz o texto:

A foto de Aylan virou símbolo da crise migratória que matou milhares de pessoas no Oriente Médio e da África que tentam chegar à Europa para escapar de guerras, de perseguições e pobreza. Na época, a foto virou um dos assuntos mais comentados do Twitter e diversos veículos de imprensa internacional o destacaram como emblemática da gravidade da situação, até mesmo com potencial para ser um divisor de águas na política europeia para os imigrantes. (G1, 2017)

A morte trágica traz consigo, naturalmente, um poder de afetação que permite que a mídia a transforme em acontecimento de forma esperada e até mesmo natural. No entanto, ao tratarmos da diferença de cuidados e de cobertura dada às duas imagens, podemos apontar que o fato do bebê de Mianmar não provocar tamanha comoção se dê justamente pela perda do poder de afetação de uma imagem como essa provocada anteriormente pelo menino Aylan. É como se um acontecimento se sobrepusesse ao outro mas, ao mesmo tempo, também despertasse o poder de memória da mídia, reverberando que a morte de crianças existe e que também devem ser encaradas, em especial, quando se trata de refugiados ou de famílias fugindo de zonas de conflito ou guerra.

A mídia, como agente estruturadora de sentidos, atua de forma preponderante ao dar vida a acontecimentos que, mesmo distantes, podem provocar um grau de afetação em seus receptores e, mais que isso, alterar a sua percepção de mundo e suas experiências diante daquilo que é noticiado. Essa linha de pensamento, calcada na fenomenologia e, em especial, em Alfred Schultz, nos coloca diante de diversas possibilidades na tentativa de compreender como os dispositivos midiáticos não só afetam a nossa experiência como podem, rapidamente, provocar lembranças de acontecimentos caídos no esquecimento de seus receptores devido a distância temporal e pelo alto grau de informações noticiosas divulgadas diariamente em todas suas esferas.

Faz-se interessante notar também outra diferença nas imagens que pode contribuir para essa decisão editorial do portal em postar um alerta num caso e em outro, não. O menino Aylan está vestido com uma camiseta vermelha, bermuda jeans e tênis. Suas vestes sugerem que ele poderia estar pronto para “passear”, tal como crianças comumente fazem. O bebê de Mianmar não apresenta uma vestimenta tão vistosa para os olhos quanto a de Aylan. Suas roupas estão sujas, a sua camiseta molhada e enrolada até a metade das costas sugerem maior “descaso” com a criança. Num paralelo, é como se Aylan fosse uma típica criança de classe média que vai ao shopping, enquanto o bebê de Mianmar uma criança marginalizada, que brinca nas ruas.

Independente dessa interpretação – apenas uma dentre tantas outras a que se poderia atribuir – as duas imagens chocam e rompem paradigmas. A imagem da criança morta, muitas vezes escondida da mídia, é estampada sem pudor naquele ambiente midiático. Sem rostos – que não estão totalmente visíveis nas imagens – as duas crianças poderiam ser qualquer uma, filhos de qualquer um que vê essas imagens. Retomando Susan Sontag (2003), nos surge a indagação: será que perdemos a nossa sensibilidade de acolher a dor dos outros? Estamos insensíveis a esses desastres? Não se trata de ter uma visão negativa do contexto atual, mas de suscitar questões que demonstram – ou pontuam – como um acontecimento e outro têm suas perspectivas de divulgação alteradas.

Por si só a imagem do bebê de Mianmar já era suficiente para fazer com que Aylan fosse lembrado, tamanho foi o impacto daquela primeira imagem em 2015. No entanto, a própria reportagem auxiliar para a “segunda vida” daquele acontecimento anterior, ao dedicar espaço em seu texto para lembrar do caso. O fato anterior, até então esquecido, ganha novamente destaque e desperta, mais uma vez, o imaginário dos leitores do portal e, já anestesiados pelo impacto da imagem anos antes, podem não se sentir incomodados ao ver novamente um bebê – dessa vez aos 16 meses – morto nas areias da Turquia. O acontecimento da morte de Aylan ganha novo fôlego, repercute novamente em sua dimensão simbólica e o colocaram, mesmo que por um breve espaço de tempo, novamente no topo da espiral noticiosa.

Para Vera França:

Por esse caminho um pouco tortuoso (espero que não excessivamente!), quero enfatizar que na era midiática, com o surgimento e a proliferação de meios de vários tipos, encontramos um contexto muito propício para a proliferação de acontecimentos. Tanto a mídia produz seus

acontecimentos como repercute e se torna o nicho próprio para a criação da segunda vida dos acontecimentos surgidos em outras esferas do mundo da vida. Se acontecimentos impactantes não são privilégios de nossa época, com certeza podemos afirmar que sociedades anteriores jamais viveram tal profusão. (FRANÇA, 2012, p.17)

Nessa retomada do acontecimento, na reverberação daquilo que estava, de certo modo, colocado nos arquivos do portal e guardado apenas na memória dos internautas, as experiências são novamente afetadas, porém, de forma distinta: enquanto o bebê de Mianmar é exposto sem preocupação, ao se “linkar” no texto com a morte de Aylan, lá ainda está a advertência de “imagens fortes”.

6. Considerações Finais

O que podemos perceber nesse estudo de caso da morte de crianças refugiadas por meio das notícias do Portal G1 é que há uma mudança na preocupação em se retratar a morte entre um caso e outro. Como apontamos no item anterior, enquanto a morte do menino Aylan é cercada de avisos e precauções, a morte do bebê de Mianmar parece já não ter afetado tanto assim o processo jornalístico de relatar acontecimentos.

Esse deslocamento em como o portal lida com a morte de crianças se dá, de certa forma, pelo fato do leitor já ter se deparado com uma imagem forte cerca de 15 meses antes. É como se o imaginário do internauta já estivesse preparado para lidar com essa situação, mesmo que a representação do corpo morto de crianças não seja um expediente comum para a mídia jornalística e, como indicado no início do presente texto, um assunto que mesmo na Idade Média aparecia como um “tabu”: pouco se fala ou se toca em assuntos como esse. O acontecimento anterior, de 2015, já posto no imaginário, reverbera na simples leitura da manchete de 2017 e já prepara o leitor para se deparar com outra imagem forte, sem que este possa, inicialmente, sentir-se chocado com o que virá e verá. Não é mais novidade estar diante de uma tragédia quando se trata de crianças refugiadas. Valendo-se deste expediente, o jornal apela para o sensacionalismo, expondo e explorando a dor do Outro. A morte, de inominável, de afastada do convívio social e muitas vezes assunto evitado nas rodas de conversa, ganha as telas, desperta sensações e, mais que isso, continua com seu espaço garantido na vivência e experiência do cotidiano.

Referências

AMARAL, Marcia Franz. **Jornalismo Popular**. São Paulo:Contexto, 2006.

- ANGRIMANI, Danilo. **Espreme que sai sangue: um estudo do sensacionalismo na imprensa**. São Paulo: Summus, 1995.
- ANTUNES, Elton; VAZ, Paulo B. **Mídia: um aro, um halo e um elo**. IN: GUIMARÃES, C.; ARIÈS, Philippe. **História Social da criança e da família**. Rio de Janeiro: LTC, 2006.
- ARIÈS, Philippe. **História da Morte no Ocidente**. São Paulo: Saraiva, 2012.
- FRANÇA, V.R.V. (Orgs.). **“Na mídia, na rua – narrativas do cotidiano”**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.
- ANTUNES, Elton. **De certezas e desvios: a experiência “modelizada” no texto jornalístico**. In: LEAL, Bruno; MENDONÇA, Carlos; et al. **Entre o Sensível e o Comunicacional**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.
- ARIÈS, Phillippe. **História da Morte no Ocidente**. São Paulo: Saraiva, 2012
- BARBOSA, Marialva. **História da comunicação no Brasil**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2013.
- CERTEAU, Michel. **A invenção do Cotidiano**. Petrópolis: Editora Vozes, 1998.
- CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das Mídias**. São Paulo: Contexto, 2006.
- CONTRERA, Malena. **Mídia e Pânico: saturação da informação, violência e crise cultural na mídia**. São Paulo: Annablume, 2003.
- DUARTE, Márcia. **Estudo de Caso**. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (orgs.). **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação**. São Paulo: Atlas, 2006.
- FERREIRA JUNIOR, J. **“Capas de Jornal: A primeira imagem e o espaço gráfico visual”**. São Paulo: Editora Senac, 2003.
- FRANÇA, Vera. **Louis Quéré: dos modelos da comunicação**. In: Revista Fronteiras: estudos midiáticos. Volume V, número 2, dezembro de 2003.
- FREUD, Sigmund. **Luto e Melancolia**. São Paulo: Cosac Naify, 2011.
- HUIZINGA, Johan. **O Outono da Idade Média**. Rio de Janeiro: Vozes, 2010.
- KAMPER, Dietmar. **O Corpo Vivo, o Corpo Morto**. Texto apresentado no Seminário Internacional “Imagem e Violência”, durante os dias 20, 30, 31 de março e 1 de abril de 2000.
- LEAL, Bruno. **Para além das notícias: o jornal, sua identidade, sua voz**. Revista Fronteiras – Estudos Midiáticos. Vol. 11. N° 2. Maio/Agosto, 2009.
- LEAL, B; ANTUNES, E; VAZ, P.B. **Aproximações ao trágico cotidiano: uma reflexão metodológica**. IX Encontro Nacional dos Pesquisadores em jornalismo. Rio de Janeiro: UFRJ, 2011. Anais.... Disponível em [www](http://sbpjour.kamotini.kingghost.net/sbpjour/admjor/arquivos/9encontro/CC_08.pdf).
http://sbpjour.kamotini.kingghost.net/sbpjour/admjor/arquivos/9encontro/CC_08.pdf. Acessado em 14/08/2012.
- MAFFESOLI, Michel. **A Conquista do Presente**. [tradução de Márcia C. de Sá Cavalcante]. Rio de Janeiro: Rocco, 1984.
- MARTINS, Moisés de Lemos. **Crise no castelo da cultura: Das estrelas para as telas**. São Paulo: Annablume, 2011.
- MARTINS, Moisés de Lemos. **O trágico como imaginário da era mediática**. In: Revista Comunicação e Sociedade, vol.4:p.73-79, 2002.
- MIRANDA, Flávia. **Aqui uma Super notícia**. Dissertação de mestrado defendida junto ao PPG-Comunicação da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG): Belo Horizonte, 2010.
- PORTARI, Rodrigo. **A construção da violência e da morte nas capas dos jornais Agora São Paulo e Folha de S.Paulo**. Dissertação de mestrado defendido junto ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação Midiática da UNESP-Bauru: Bauru, 2009.
- PORTARI, Rodrigo. **O trágico, o futebol e o erotismo: a presença de uma tríade temática nas capas dos jornais populares do Brasil e Portugal**. Tese defendida junto ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Sociabilidade Contemporânea da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG): Belo Horizonte, 2013.
- VAZ, Paulo Bernardo; PORTARI, Rodrigo. **O TRÁGICO NAS CAPAS DE JORNAIS POPULARES: o dia-a-dia do Super Notícia e do Jornal de Notícias**. Artigo apresentado no XXI Encontro Anual da Compós, no GT Imagens e Imaginários Midiáticos. Juiz de Fora, MG: 2012.